



NOVAS TECNOLOGIAS EM SALA DE AULA: APROPRIANDO AS FORMAS DE USOS PARA O LETRAMENTO E COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL EM ESCOLAS DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

UILSON VIANA DE SOUZA

EIXO: 14. TECNOLOGIA, MÍDIAS E EDUCAÇÃO

Resumo:

Este trabalho se apresenta enquanto componente de discussão do objeto de pesquisa do Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos realizado na Universidade do estado da Bahia, campus III, Juazeiro Bahia, o qual aborda sobre a análise dos discursos da mídia sobre a região semiárida, com foco no discurso jornalístico sobre duas secas em estudo. De forma específica este artigo busca discutir como as tecnologias da informação e da comunicação podem ser melhor aproveitadas no processo de letramento e na valorização da cultura local a partir da produção de matérias em conjunto com alunos e professores. Busca aprofundar sobre a visão reproduzida sobre a mídia nesta região para propor alternativas no sentido de educar para a recepção dos meios de comunicação e a produção de conteúdos numa práxis educacional.

palavras-chave: tecnologia; região semiárida; conteúdos.

Resumen : Este trabajo se presenta como componente discusión objeto de investigación de la Maestría de Educación, Cultura y Semiáridas Territorios realizado en la Universidad del Estado de Bahía , campus III , Bahía Juazeiro , que trata sobre el análisis de discurso de los medios en la región semiárida , centrándose en el discurso periodístico sobre dos seco bajo estudio. En términos reales , este artículo analiza cómo las tecnologías de la información y la comunicación pueden ser mejor utilizados en el proceso de alfabetización y la apreciación de la cultura local de la producción de materiales en conjunto con los estudiantes y profesores. Busca más reproducidas en la visión de medios de la región para proponer alternativas de educar para la recepción de los medios de comunicación y la producción de contenidos en educación praxis

Palabras clave: tecnología, región semiárida ; contenido.

Desenvolvimento

O baixo índice de leitura oriunda dos alunos de escolas públicas, ainda é um dos principais desafios enfrentados por professores destas escolas. O acesso destes às diversas fontes e plataformas de tecnologias da informação e comunicação dispersas em aparelhos principalmente móveis, como os aparelhos celulares tem se dado de forma abrangente e em sua maioria representado um forte concorrente das práticas de leituras convencionais e das corriqueiras práticas de ensino-aprendizagem. É que para a maioria dos professores os estudantes e sua maioria tem utilizado destas ferramentas para outros motivos, em sua maioria amizades, relacionamentos, em detrimento da leitura escrita. Capobianco (2010) considera que estas ferramentas oferecem recursos potenciais para pensar por outro viés os processos educativos, ao serem vistos como subsídios na prática docente. Desta forma carece de uma maior compreensão de tais profissionais sobre a utilização destes recursos.

O professor deve ser um conhecedor da causa, já que é inadmissível um ensino de qualidade se o mediador não tem conhecimento do que deve ser feito. A disciplina Educomunicação é relativamente nova na grade curricular. O homem criou inúmeras fontes culturais, mas quase nada foi dito sobre como o professor ensina. Não se descobriu, por exemplo, o que os professores sabem sobre o que eles sabem, ou sobre como e por que ensinam da forma como

ensinam(JUNIOR e SILVA,2010,p.87 e 88)

A educomunicação tida como uma nova ciência em que aglutina práticas da educação e da comunicação em conjunto a fim de melhor explorar os recursos da comunicação em sala de aula ou em outras praticas educativas propõe a produção de conteúdo a partir destas tecnologias sendo desenvolvidas e criadas pelos próprios. Na Europa o conceito de Educomunicação é definido como “Media Education, educação para a recepção crítica dos meios de comunicação”, (SOARES, 2009). Ou seja, ao educar os alunos em processo de formação sobre o potencial recurso que tem em mãos poderão utilizar para produzir conteúdo e analisar o que recebem em suas caixas de mensagens, começando daí já um processo de filtragem de conteúdo.

Nas práticas educacionais os sujeitos participam e criam de forma coletiva, onde é valorizada a possibilidade e a capacidade deste conhecimento ser construído em conjunto. Isto contempla a necessidade de discutir um novo modelo de educação pautada numa pedagogia que dê autonomia aos sujeitos.

A construção deste novo ecossistema demanda, sobretudo, uma pedagogia específica para sua própria disseminação: uma pedagogia de projetos voltada para a dialogicidade educacional, em condições de prever formação teórica e prática para que as novas gerações tenham condições não apenas de ler criticamente o mundo dos meios de comunicação, mas, também, de promover as próprias formas de expressão a partir da tradição latino-americana, construindo espaços de cidadania pelo uso comunitário e participativo dos recursos da comunicação e da informação(SOARES,2009,p3)

Talvez um dos desafios seja este, de os profissionais compreenderem esta nova práxis capaz de dar autonomia aos sujeitos ao exercitarem suas diversas capacidades de criar e recriar coisas e ambientes novos. A produção da notícia por meio da elaboração de pequenos vídeos feitos por alunos, por exemplo, possibilita a interação do aluno com o seu meio, sendo capaz de produzir conteúdo a partir de suas vivências e olhares a partir do lugar em que vivem. Não é comum gravar vídeos de suas praticas recreativas, porque o professor não pode explorar isto para além desta limitação, trazendo para a sala de aula conteúdos de seu dia-a-dia, ao invés de acessarem conteúdos que estão longe de suas realidades?

Não podemos nos enganar de que a cultura da leitura visual disposta através de games, jogos e músicas são ferramentas acessadas pelas crianças do semiárido que em sua maioria não contempla e nem tão pouco incluem e contextualiza a interculturalidade presente no contexto semiárido, por se tratar de produções introduzidas de culturas desconhecidas pelos alunos. Neste caso podemos exemplificar a super produção da indústria cultural com toda sua parafernália de brinquedos, super heróis americanizados, jogos eletrônicos, etc, que acabam entrando neste ambiente escolar reproduzindo e super valorizando uma cultura externa em contra ponto ao esquecimento do contexto local, reproduzindo deste feito uma cultura de consumo, movida por um capitalismo selvagem que desafia todos os dias os pais a alimentar uma industria em serie de brinquedos, onde os descarta os anteriores e se ver obrigado a comprar o novo brinquedo (ZANOLA,2007).

Diante deste cenário algumas questões podem ser trazidas para este trabalho a fim de pensar a função das tecnologias digitais na vida das crianças em formação e como a escola pode contribuir-utilizar destes recursos para além de outros usos. Como as redes sociais estão presentes nas escolas e qual a sua contribuição nos processos de letramento e formação cultural dos alunos?A leitura visual reforçada pela indústria cultural tem desestimulado as práticas de leitura escrita (impressa) nas escolas públicas?O conteúdo regional é explorado pelas crianças a partir de seus aparelhos móveis e como ele tem sido acolhido nas escolas pelos professores?

Revisão de literatura:

O hábito de leitura no Brasil apresenta-se como um dos problemas recorrentes entre jovens e adolescentes. Ainda é pequeno o número de estudantes que se sentem motivados a ir além da leitura “obrigatória” cobrada em sala de aula. Segundo dados da pesquisa Retratos da leitura no Brasil realizada em 2011 pelo instituto pró-livro, o número de leitores no Brasil caiu 9,1% em 4 anos, sendo que 85% dos brasileiros trocaram o hábito de leitura pelo ato de assistir filmes e acessar as redes sociais e ver TV (INSTITUTO PRÓ-LIVRO,2011). A pesquisa contemplou todos os estados do Brasil representados por 315 municípios, sendo ouvidos 5012 entrevistados. Esta situação tem sido recorrente e isto tem se fortalecido com a ascensão das novas tecnologias da informação, com suas múltiplas ferramentas. Podemos citar aqui a indústria de brinquedos e jogos e as redes sociais voltadas para as salas de bate-papos e as “comunidades” virtuais,

onde acabam por serem priorizados pelos seus usuários os conteúdos, mas atraves como vídeos, imagens e até pornografia. No obstante, o espaço disponível das chamadas redes sociais é por outro lado um ambiente riquíssimo de pesquisa e busca de conteúdos da atualidade, bem como de referenciais históricos e teóricos. Não deixa de ser segundo Paiva (2015) um espaço de apropriação para debater questões que dizem respeito a um grupo ,a uma comunidade, a exemplo das mobilizações de junho de 2013 no Brasil.

A mídia representa hoje uma forte influência no processo de formação cultural, intelectual e educacional do povo brasileiro. Com forte aparato ideológico e de transmissão, ela tem buscado reproduzir um conceito de cultura de massa desenvolvendo desta forma um agenciamento ideológico da cultura nacional (SODRE, 2001, p.93). Pensar uma cultura democrática onde possam ser respeitadas todas as culturas, a interculturalidade, ou seja, a inter-relação das diversas culturas, não perpassa tão somente pela circulação livre de opiniões, nem tão pouco pela liberdade da expressão de forma crítica e propositiva, mas perpassa

pela educação escolar em todos os níveis (superior, secundário e primário), aliada à pesquisa científica básica. Da dimensão cultural provém a dinâmica e os conteúdos formativos, para a devida transmissão educacional. Limitar todo este processo ao aspecto informativo seria como disse um mestre da tradição hindu, “adornar um cadáver”. Em suma cabe à educação formal-escolar, isto é, a um empreendimento de formação integrada técnico-científico-artístico-política do cidadão, suscitar a dimensão ética que funda a liberdade humana e dá sentido a algo que então poderá chamar de “cultura” (SODRÉ, 2001, p.96,97)

Suscitar a idéia de formação do cidadão em relação ao que se discute neste trabalho,perpassa por um processo de educação para os meios de informação e comunicação de forma critica .Não basta te-los,acessá-los ou até criticá-los como tem sido recorrente e mas fácil fazer,mas trazer para dentro das discussões e mas que isto introduzir estes meios em sala de aula como instrumentos educacionais.

A tecnologia, que vem dominando vários espaços sociais, está presente no cotidiano dos alunos, da sociedade em geral. A escola precisa reconhecer este fato que vem influenciando na cultura, nos modos de ver, de ler, de escrever, de pensar, de aprender, de ser. Neste contexto, educar implica também educar para o uso consciente e crítico das mídias (SCHUCHTER, p.17,2010)

Diante desta nova cultura midiática vimos florescer no campo tecnológico e educacional diversas políticas publicas de acesso de jovens e crianças aos meios tecnológicos, os infocentros, os laboratórios de informática instalados nas escolas, as TVs pendraiv e alguns programas que chegam com uma proposta de inclusão social e acesso de jovens e crianças a novas plataformas do conhecimento acabam por se esbarrarem ou na burocracia das gestões ou na falta de um corpo técnico capacitado para desenvolver ações com os estudantes.

O habito de leitura que tem se perdido não é uma questão só do aluno que está inserido no meio urbano, com a introdução das tecnologias digitais e veículos de comunicação de longo alcance a exemplo da televisão esta realidade já é presente no espaço rural, proporcionando desta forma por outro lado o acesso dos seus moradores ao uso do telefone celular e de outros meios para se comunicarem. Não é de se espantar a quantidade de antenas parabólicas que hoje povoam o campo, até porque como afirma Albuquerque (2012), a presença da TV na zona rural causa espanto a quem não está inserido neste ambiente ou a uma elite, devendo-se ao fato de estes considerarem o espaço rural como o lugar do atraso e da tradição, negando-lhes o direito a uma civilização e ao acesso às tecnologias.

É preciso levar em conta novamente as diversas possibilidades de uso das tecnologias no espaço das escolas do campo. Não é mais permitido que veja no meio rural o lugar do atraso e o espaço urbano como desenvolvimento e acabe por conta desta visão atrasada priorizando as escolas do meio urbano em detrimento do abandono das escolas do campo, das quais em sua maioria são equipadas com o mínimo de estrutura. Infelizmente a realidade das escolas do campo ainda são recorrentes a uma política educacional colonizadora que sempre esteve voltado direcionado aos interesses de um determinado grupo social.A infra estrutura destas escolas são as piores possíveis.Como menciona Souza(2015),ao discutir a universalização do ensino básico em que não basta encher as salas de aula,manter os dados censitários de diminuição da evasão escolar sem não ser levado em conta a qualidade do ensino.Por outro lado quando não esvazia o campo com a transferencia de alunos par as escolas da cidade em ônibus superlotados ,acaba por manter escolhinhas sem as mínimas condições de funcionamento. Há uma nítida diferença no tratamento das gestões em relação às escolas do campo e da cidade, para exemplificar podemos continuar mencionando apenas a questão do acesso às tecnologias

Dados do Censo Escolar de 2009 revelam que 90% das escolas do campo não possuem biblioteca. Pouco mais de 8%

têm laboratório de informática. Os laboratórios de ciências estão presentes em menos de 1% dos estabelecimentos de ensino. Além disso, quase 20% não possuem energia elétrica (FERNANDES, 2011)

Esta realidade mostra como a educação do campo, seus sujeitos têm sido tratados historicamente e reflete diretamente num processo de exclusão social e reforça a estereotipia de que o campo se mantém enquanto lugar para produzir a partir da agricultura sem necessariamente carecer de um aparelhamento tecnológico enquanto que os jovens do campo dispõem de outro nível de escolaridade já que estes é quem devem acessar outros campos do mundo do trabalho.

A cultura de consumo, o conteúdo descontextualizado e novas possibilidades de letramento

A cultura do consumo midiaticizada pela indústria cultural tem influenciado nas escolhas, no modo de vida e na formação cidadã de crianças e jovens. Segundo Teixeira (2003) a indústria cultural por sua vez fabrica uma cultura de consumo em série com formatos iguais para uma massa educada para se sentir igual em termos de consumo, sem questionar a produção, mais se sentir incluída, neste caso “valorizada” pela grande mídia que agora escuta seus desejos

A cultura feita em série, industrialmente para o grande número passa a ser vista não como instrumento de livre expressão crítica e conhecimento, mas como produto trocável por dinheiro e que deve ser consumida como se consome qualquer coisa, produto padronizado como espécie de kit para montar, feito para atender as necessidades de um público que não tem tempo de questionar o que consome (TEXEIRA, 2003)

Para o autor o ponto auge desta cultura de consumo é o século XX com condições e normas claras definidas pelo capitalismo com auxílio dos veículos de comunicação como a TV. Ela por meio das novelas, filmes, desenhos animados desafia cotidianamente a escola a repensar suas práticas, não deixando de lado os pais que se verem obrigados a satisfazerem os gostos infantís. Isto está muito presente nas escolas, representados em objetos e utensílios estampadas em mochilas, transmitindo significados que vão para além do simples ato de usar estes materiais. Diante deste cenário, Muniz Sodré (2001) reafirma o lugar da escola formal como instrumento de formação de significados fundamentais para uma totalidade humana com foco na ética, capaz de resgatar estes valores.

No tocante à reprodução de uma imagem distorcida sobre a região semiárida, espaço de discussão aqui apresentada, vimos esta imagem ser reproduzida por dois fortes instrumentos de distribuição da informação: o livro didático e a mídia. A grande mídia reproduz a cada dia estes signos neutros sem criar outras expectativas. Quem está fora do semi-árido toma como verdade esta reprodução de estereótipos, quem permanece nele em sua maioria se curva e no caso das escolas, em sua maioria muitas fazem uso deste modelo de reprodução imagético e midiático, seja através dos livros didáticos descontextualizados, seja pelas campanhas publicitárias e atrativas ao público de crianças e adolescentes através da TV.

Propositadamente as políticas de combate a seca ajudaram a construir no imaginário popular uma falsa idéia sobre o Nordeste: um lugar apenas de terra seca e rachada. Os meios de comunicação contribuíram muito para isso, pois passaram a priorizar a partir do final do século XIX, apenas as notícias e os fatos relacionados à seca. O que na verdade era resultado da falta de infraestrutura hídrica e produtiva, virou apenas a falta de água. O que era ausência do estado enquanto provedor de políticas públicas passou a ser a incapacidade de seu povo de inovar e criar alternativas de conviver com as condições de semi-aridez da região”. (ASA, 2011, p.04)

Em contribuição a esta visão reproduzida,

o currículo escolar e o livro didático enquanto suporte básico da escolarização ainda persiste em veicular uma imagem estereotipada dos temas do semiárido e em responsabilizar a própria natureza por problemas sociais ocasionados pela má administração dos recursos ambientais e climáticos disponíveis (SANTOS, 2008, p.03)

Outro agravante é a reprodução de forma homogênea dos conteúdos e da norma padrão da escrita, que segundo Santos (2008) pode ser dinamizada com novas metodologias capaz de inserir alunos do campo ou da cidade, sem o reducionismo da escrita e da recepção a fim de que o letramento seja instrumento de construção do saber, mas que, além disto, os sujeitos também sejam capazes de utilizá-lo em suas práticas sociais. A escola desempenha um papel fundamental no que tange ao processo da educação intercultural, capaz de transformar estereótipos em novos

significados e ajudar na valorização da cultura local, estando aberta a aprender com os erros do passado, reconhecendo o potencial da inter-relação cultural. Não é admissível negar, portanto que o letramento escolar cumpre seu papel social quando aliado às necessidades da comunidade e de seu contexto capaz de dar respostas às perguntas surgidas neste espaço, só assim ele cumprirá de fato a sua função de contextualização (SANTOS 2008). Do contrário como afirma Sodré (2001), a cultura educacional não passa de mais um processo difusionista e tecnoburocrático sem abertura para o conhecimento de fato de seus sujeitos.

Uma educação que se pretende ser local, também não pode ignorar as textualidades ou o fato de que os temas de qualquer tipo de relevância social e cultural estão nas escolas e nas salas de aula das diferentes realidades por intermédio dos signos, legitimados ou não, mas que precisam ser organizados em rotinas pedagógicas ricas e produtivas (SANTOS, 2008, p.01)

O autor nos convida a repensar as práticas pedagógicas nos sentido de valorizar as múltiplas linguagens com foco no contexto. É neste novo pensar que outras formas de letramento podem ser trabalhadas tomando como base o aproveitamento das estruturas existentes em cada escola, ou seja, se existe um computador, uma televisão, etc., precisa começar a explorar o que já existe. Quantas escolas não estão com seus laboratórios de informática ainda cobertos com os sacos plásticos e só são usados quando um professor esporadicamente conduz à turma para uma atividade pontual? Este cenário pode ser facilmente encontrado nas escolas do meio urbano, tendo em vista que este espaço também está contemplado na região semiárida. Nas escolas da zona rural os alunos não dispõem das mesmas tecnologias que os das escolas da cidade, tendo em vista o tratamento desigual de uma para outra escola, mas na atual contemporaneidade não se pode mas desprezar o fato de que o acesso de estudantes da zona rural à TV e à Internet seja por via dos celulares ou de antenas rurais tem sido praticamente igual a quem povoa a cidade. Desta forma é possível pensar novas textualidades de letramento voltado para a exploração destes recursos tomando como base a educomunicação.

Resultados Parciais:

A pesquisa encontra-se em andamento no segundo semestre do Programa do Mestrado, portanto não é possível mensurar dados quantitativos, mas pode-se considerar como resultados a publicação e apresentação do trabalho em desenvolvimento em seções científicas de nível regional, nacional e internacional a exemplo do IX Colóquio Internacional de Educação e Contemporaneidade realizado em São Cristovão em Sergipe. As contribuições advindas das bancas de tais eventos são trazidas como contribuições e resultados parciais de um objeto de pesquisa em constante construção, por isto a importância de sua apresentação em tais eventos.

Considerações Finais:

Este trabalho buscou discutir e problematizar como a escola pode explorar os usos das tecnologias digitais tendo em vista que a maioria dos alunos já dispõe de uma tecnologia móvel. Quando se faz referência às escolas do Semiárido o trabalho, busca enfatizar a importância de uma compreensão que ainda é latente, a de ver o semiárido apenas como o lugar rural. Neste sentido foi possível elencar aqui discussões a fim de compreender como esta visão ainda esta arraigada numa memória e cultura preconceituosa, sendo reproduzida o tempo todo pelos meios de comunicação e os livros didáticos que chegam nesta região sem pensar o local.

Possibilita ainda um olhar pensante dos educadores e educadores sobre como educar as crianças e jovens para a uma leitura crítica dos meios de comunicação em relação a esta reprodução e os diversos usos benéficos que podem serem explorados a partir das tecnologias moveis, pensando deste feito em outras leituras, dinâmicas e proposições viáveis cunhadas numa práxis educacional, que seja capaz de dar autonomia aos sujeitos, contribuindo para uma educação cidadã e não alienante quando estes recursos deixam de cumprir uma função social e apenas primária.

Bibliografia:

- FERNANDES, Rosângela. **Desigualdades em campo**. Revista educação. Disponível em <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/163/artigo234867-1.asp>, acesso em 19 de jul. 2015
- SCHUCHUTER, Lúcia Helena. **Biblioteca escolar e laboratório de informática: espaços para diferentes letramentos**. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em educação, da universidade federal de juiz de fora, 2010
- JUNIOR, M.A.O.; SILVA, A.L. **Novas tecnologias na sala de aula**. artigo publicado em ECCOM, v. 1, n. 1, p. 999-999, jan./jun., 2010. disponível em <http://publicacoes.fatea.br/index.php/eccom/article/viewFile/243/202>. Acesso em 19 de Jul. 2015

CAPOBIANCO, L. **Comunicação e Literacia Digital na Internet – Estudo etnográfico e análise exploratória de dados do Programa de Inclusão Digital ACESSA-SP – PONLINE**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2010.

ZANOLA, Sílvia Rosa Silva. **Indústria cultural e infância: estudo sobre formação de valores em crianças no universo do jogo eletrônico**, Campinas, vol. 28, n. 101, p. 1329-1350, set./dez. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

SODRE, Muniz. **Reinventando cultura: a comunicação e seus produtos**, Vozes, 1986

TEIXEIRA, Coelho. **O que é indústria cultural** – SP, Brasiliense, 2013.

SANTOS, Cosme batista dos. **Letramento e comunicação intercultural: o ensino e a formação do alfabetizador no semiárido baiano**. Artigo publicado em 2008 no livro *saberes em Português: o ensino e a formação do professor*, organizado por Edleise Mendes e Maria Lúcia Castro e publicado pela editora Pontes de Campinas – SP ASA, Articulação do Semiárido. **Caminhos Para a Convivência com o Semiárido**. 10ª edição. Recife PE, Julho de 2011.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **O Tradicional e o Contemporâneo no contexto semiárido**. Palestra proferida no II Encontro de Estudos das Culturas dos Sertões. Juazeiro BA, 2012.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**, 2011.

PAIVA, Gabriela Pandeló. Papel do facebook no compartilhamento de notícias entre os alunos de ciências sociais da Universidade Federal de São Carlos. Disponível em <http://www.semanasociais.ufscar.br/wp-content/uploads/2014/03/Anais-sociais-com-artigo-18.pdf>, acesso em 19 de Jul. 15.

SOUZA, Uilson Viana de. Projeto de Intervenção na escola Castro Alves para obtenção do título de Especialista em Gestão de Gênero e Raça-UFBA, 2015.

Uilson Viana de Souza, Discente do Programa de Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos-PPGESA, Universidade do Estado da Bahia, UNEB.

Recebido em: 19/07/2015

Aprovado em: 21/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Chartort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN: 1982-3657

Doi: